

4^a Parte

Discursos

Saudando Napoleão Nunes Maia Filho

Pedro Henrique Saraiva Leão.

Senhoras e Senhores

*Com as raízes dentro das dunas quentes do Pajeú lendário,
soprados da viração macia dos mares valentes e verdes de
Alencar, vicejam os plátanos de largas folhas, e as umbrosas
oliveiras do nosso bosque acadêmico, e agitam e abrem as
flores, soltando perfume para a festa desta noite.
Ilumina-se mais uma vez o nosso jardim caboclo, para as
esperas da recepção de um novo pomareiro, com as mesmas alegrias e
júbilos do jardim de Ática.....*

Assim começou um notável acadêmico, ao saudar outro insigne imortal, sendo recebido nesta Casa, há 42 anos!

Contudo, relaxem os que me ouvem agora! Não continuarei neste cantante diapasão, ao longo deste elóquio de boas vindas.

Aqui estou, por amável desígnio do nosso presidente, Artur Eduardo Benevides, Príncipe dos Poetas Cearenses, e gentil aquiescência do recipiendário, o peregrino poeta Napoleão Nunes Maia Filho.

Também desembargador e professor de Direito, o vate que hoje recebemos – como seus irmãos, também bardos, Luciano e Virgílio Maia – nasceu nas ribeira do Jaguaribe, cujas curvas lhe incutiram o ritmo ondulante das partituras de seus versos. Ensinou-lhe igualmente, o rio Jaguaribe, o valor da resistência, e a perenidade das pedras, mesmo em leito adusto. Dele também intuiu – como dizia Olavo Bilac – que o melhor meio de conquistar uma praça é estar dentro dela, ganhando-a pela brandura, para possuí-la sem batalhas.

A avassaladora maioria de nossoutros cuidou de mandar espanar a cadeira, algo empoeirada pela ausência forçada de sua detentora, a grande Rachel de Queiroz que residia no Rio de Janeiro, embora seu coração morasse aqui.

Esta Academia de letras – ressalte-se, a mais antiga do Brasil – já deu assento a vários luminares das Ciências Jurídicas, sobressaindo José Carlos da Costa Ribeiro Jr., e os formidandos Justiniano de Serpa, e Farias Brito! Aliás, até há pouco convivíamos aqui com os escritores e juristas Fran e Cláudio

Martins, este último nosso operoso ex-presidente, na sua história contemporânea. E na ABL, nossa seguidora ! pontificaram, também como beletristas, Hermes Lima e Evandro Lins, ambos, outrossim, ministros do Supremo Tribunal,

Ocorre-nos agora lembrar que a Literatura, desde tempos aurorais, vem permeando as mais diferentes manifestações do intelecto humano!

Nesse sentido, o nosso atual secretário, Professor Pedro Paulo Montenegro referiu que em 1934, o médico e romancista Afranio Peixoto, ao saudar na ABL o famoso médico sanitarista Oswaldo Cruz, sustentou não haver diferença essencial entre ciências e letras, pois umas se fazem com as outras!

Nosso iniciando desta noite, Prof. Napoleão Maia, já ostenta 19 livros na sua sementeira literária, sendo 11 títulos jurídicos e 8 de poesia, desde o primeiro destes, *Concha Impossível*, de 1998, até *Memória Desiludida e O Amarelo e o Azul*, ambos de 2003. Naquele, rotula sua carpintaria poética como “exercícios de ilusão (ou de imaginação)”, e se define como artífice de “uma escritura confessiva”, assegurando: “Crio dentro de mim o fantasma que me assusta”. Por certo alude ao fantasma que não vemos, mas ronda e instiga a mente dos tocados pela poesia.

Assim prezado magistrado Napoleão Maia, passas a ser um dos nossos. Se são cegos os olhos da Justiça, têm lentes aqueles do poeta que também sois, e tão bem vêem os acórdãos e os acordes do coração.

Eis o magistrado que, no tribunal, brande a espada da Justiça, com a mesma isenção, mesma propriedade e não menor lhaneza, como, noutra corte, brande a pena e tange as cordas de sua lira!

É uma honra ter agora por companheiro nesta Casa aquela que, mercê de méritos jurídicos, será presidente do Tribunal Regional Federal, da 5ª Região, e, por merecimento poético, aqui já está, para ficar.

Destarte, entrais para a ACL com um duplo mérito: o do homem de letras que se dedica à ciência do Direito, ensinando-a, *plus* aquelas outras dignidades tão caras a nós – a do poeta que não fugiu à sua destinação literária.

*Volta à praia o sossego costumado
e tudo ao seu normal sereno encanto*

como dizeis, altissonantemente, In A Praia da Saudade, do livro *O Antigo Peregrino*, de 2002 (p. 79).

Ansiosos andávamos por contarvos um dos nossos!

Sede bem-vindo!

Muito obrigado.